

Reflexão Semanal 10

Esta semana de estágio ficou marcada por dois momentos muito relevantes para o meu percurso formativo: a entrega das avaliações intercalares do professor orientador e da enfermeira tutora e pela oportunidade de acompanhar de perto a situação de um utente em estado agravado, que se encontra numa fase terminal da sua vida, recebendo cuidados paliativos adaptados, embora a instituição não disponha formalmente desse tipo de unidade especializada.

O momento da avaliação intercalar foi uma oportunidade de parar e refletir sobre o caminho percorrido até aqui. Tive a possibilidade de ler o que de positivo foi reconhecido no meu desempenho, nomeadamente na comunicação, a capacidade de integração na equipa, princípios éticos e deontológicos, a assiduidade e pontualidade e no interesse demonstrado no acompanhamento dos utentes. Foi também um momento de crescimento pessoal, pois recebi sugestões de melhoria que me ajudaram a perceber onde posso evoluir: por exemplo, na organização de prioridades durante a realização de tarefas, na capacidade de tomar decisões com maior autonomia, na utilização de linguagem científica mais recorrentemente, na aptidão da capacidade auto-avaliativa e de tornar a minha passagem de turno mais coesa. Esta avaliação foi feita de forma construtiva e motivadora, permitindo-me definir objetivos concretos para a segunda metade do estágio. Pude perceber que, para além das competências técnicas, o olhar atento, a disponibilidade para aprender e a atitude empática fazem realmente a diferença no dia a dia em contexto institucional.

O segundo momento que mais me marcou nesta semana foi o acompanhamento de um utente em estado muito debilitado, cujo quadro clínico se agravou de forma progressiva. Apesar da instituição não ter uma unidade de cuidados paliativos, foi criada uma resposta adaptada à situação, com a colocação do utente num quarto mais privado e calmo, onde a família pode estar presente com maior privacidade e tranquilidade. Esta escolha revelou-me o esforço da equipa em garantir, mesmo com recursos limitados, um cuidado digno, humanizado e centrado na pessoa.

Estar perto desta realidade, observar o comportamento da equipa e sentir o ambiente emocional que envolve a situação fez-me refletir profundamente sobre o que significa cuidar no fim de vida. Cuidar não é apenas “tratar”, é respeitar o tempo do outro, a sua dor, a sua história e a presença da família. Vi como os pequenos gestos, como ajustar a almofada, promover uma posição vertical em repouso mais correta, manter o silêncio ou segurar a mão do utente, assumem uma dimensão profunda quando se sabe que estamos a acompanhar alguém dos seus últimos dias.

Foi também marcante ver como a presença da família foi valorizada e respeitada. A proximidade entre o utente e os seus entes queridos trouxe conforto para ambos os

lados. Esta vivencia reforçou em mim a importância dos cuidados paliativos enquanto abordagem que vai muito além da medicina, trata-se de aliviar o sofrimento em todas as suas dimensões: física, emocional, espiritual e social.

Enquanto estudante, esta situação desafiou-me emocionalmente, mas também me fortaleceu. Aprendi que o papel do enfermeiro é muitas vezes silencioso, mas fundamental, e que a capacidade de estar presente, mesmo sem falar, pode ser uma das formas mais poderosas de cuidar.

Em suma, esta semana trouxe-me dois tipos de crescimento complementares: um mais técnico e formativo, através da avaliação intercalar, e outro profundamente humano, através do contacto com o sofrimento e a finitude da vida. Ambas as experiências reforçaram a minha vontade de continuar a formar-me com base na empatia, na atenção ao detalhe e na adaptação aos contextos reais, que nem sempre são ideais. Estar em Ensino Clínico numa instituição que, mesmo sem recursos específicos, se esforça para garantir dignidade no fim de vida, fez-me acreditar ainda mais na importância de cuidar com intenção, com respeito e com presença.

Alex Damas Santos (a22101256)